

## RESENHA

WOLFRAM, Walt & Donna CHRISTIAN (1989) *Dialects and Education: Issues and Answers*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall, pp. 150.

Resenhado por: John Robert SCHMITZ (Universidade Estadual de Campinas)

*Dialects and Education: Issues and Answers* da autoria de Walt Wolfram e Donna Christian, ambos do Centro de Linguística Aplicada de Washington, D.C., é um livro inovador, pois apresenta o conteúdo num formato de pergunta-resposta. Em todos os capítulos os autores apresentam perguntas e fornecem respostas a questões como:

- (i) Se todo mundo fala um dialeto, como referir-se à fala de pessoas que não usam um dialeto "padrão"? (tradução nossa).
- (ii) E o termo "sotaque"? Existe um significado especial para esse termo também? (tradução nossa)
- (iii) De onde se originam diferenças linguísticas? (tradução nossa)

O volume não pressupõe nenhum conhecimento anterior nas áreas de linguística ou sociolinguística. Escrito para alunos, professores primários e secundários e para o leigo em geral, esta publicação é leitura esclarecedora para os que trabalham nas áreas de pedagogia, patologia da fala, leitura, alfabetização e ensino básico. O livro de Wolfram e Christian preenche uma lacuna nestes campos, pois informação a respeito de dialetos e sua relação com a sociedade não tem sido disponível numa forma acessível para educadores do 1º e 2º graus, especificamente no contexto norte-americano.

Embora voltada para a problemática do dialeto e seu papel no ensino nas escolas nos Estados Unidos, *Dialects and Education: Issues and Answers* tem muita relevância para o Brasil e para o trabalho do professor de 1º grau, em particular no que diz respeito à alfabetização, leitura e redação. Valeria a pena se pensar na tradução da obra na íntegra ou em parte, por ser o conteúdo do livro de interesse para pedagogos, psicopedagogos e educadores em geral.

Dividido em cinco capítulos e escrito numa linguagem clara sem ser técnica demais para o tipo de usuário a quem se destina e, nem simplista demais para a complexidade dos assuntos tratados, a obra inclui uma parte especial intitulada "Further Study" que acusa uma bibliografia anotada de fontes básicas pertinentes ao conteúdo dos capítulos, fontes essas de leitura essencial para o leitor não familiarizado com a bibliografia lingüística e sociolingüística sobre o relacionamento dos dialetos sociais com o ensino.

Além da referida bibliografia de autores de renome como Shuy, Labov, Ferguson, Heath, Dillard, Peñalosa e muitos outros que têm contribuído bastante para o estudo de dialetos e sua relação com o ensino, Wolfram e Christian incluem um apêndice com uma lista seletiva de estruturas vernáculas, isto é, uma descrição das características fonológicas e sintáticas dos dialetos nos EUA, em particular, os dialetos estáveis tais como o inglês falado pelos afro-americanos das cidades de Filadélfia, Detroit e Nova York, em primeiro lugar, e o inglês usado pelos moradores brancos de origem anglo-saxônica ou escocesa das zonas rurais nos Estados de West Virginia, Kentucky, North Carolina, Tennessee e Arkansas, em segundo lugar. Esta descrição é valiosa, pois apresenta para o não especialista os principais traços desses dois grupos dialetais. Cumpre observar que o inglês falado pelos dois grupos de norte-americanos acima mencionados tem vários elementos em comum. Dois exemplos são suficientes para mostrar este fato. A variedade padrão ou "standard" observa-se, a seguir, nas partes das orações em (1) (2) sublinhadas seguidas das formas usadas pelos falantes dos referidos dialetos sociais entre parênteses:

- (1) The boy has two bananas. He gave one away and he kept one for *himself* (hisself).
- (2) And this child has the *most* (mostest).

O primeiro capítulo "Dialect Diversity in America" proporciona subsídios que contribuem para eliminar noções falsas por parte de não especialistas na área de lingüística, em particular, dialetologia e sociolingüística a respeito do próprio termo 'dialeto'. É importante que os leigos ou não iniciados nos estudos lingüísticos se inteirem de que todo mundo fala um dialeto, isto é, uma variedade de um determinado idioma e que nenhum dialeto é melhor do que outro.

A avaliação dos méritos de um determinado dialeto está baseada em critérios sociais e não lingüísticos. Por este motivo, os autores sugerem que o conceito 'dialeto' que insinua algo inferior, seja substituído por outras noções como variedade lingüística ou diferença lingüística. Quanto ao termo "sotaque", os autores comentam que os leigos ou não iniciados nos estudos lingüísticos, via de regra, pressupõem que o sotaque seja problema do outro e não deles mesmos. No contexto brasileiro seria o caso dos paulistas considerarem que os gaúchos têm "sotaque" sem perceberem que eles mesmos têm uma pronúncia característica do Estado de São Paulo ou de algumas partes dos estados vizinhos.

Wolfram e Christian observam que a noção de correção gramatical é sempre um julgamento subjetivo. Os referidos autores comentam que não existem critérios para identificar uma determinada forma ou estrutura como a forma "correta". No Brasil o debate a respeito da aceitabilidade de enunciados como *eu conheço ela* em contraste com *eu a conheço* ou *cheguei em casa* face a *cheguei à casa* ou ainda *tem gente lá fora* em oposição a *há gente lá fora* são exemplos da dificuldade de afirmar o que é correto. Os autores assim escrevem:

" Certas estruturas lingüísticas são preferidas em lugar de outras, de acordo com normas sociais. Estas são freqüentemente consideradas como a "correção" gramatical do inglês, mas esta é, na realidade, uma decisão baseada em aceitabilidade social e, não em aceitabilidade lingüística." (tradução nossa).

Os autores têm o mérito de elaborar algumas questões propositadamente ingênuas, justamente o tipo de pergunta feita pelos indivíduos que não têm um embasamento nos estudos lingüísticos. As respostas às questões formuladas são pertinentes, algumas bastante extensas e outras curtas mas nunca sumárias. Outro ponto positivo do livro, digno de encômio, é o equilíbrio mantido pelos autores nas suas respostas às questões polêmicas, pois sempre os dois lados dos diversos assuntos são apresentados.

No Capítulo 2, que tem por título "Exploring Dialects", Wolfram e Christian apresentam dados sobre os diferentes dialetos sociais nos EUA, variedades essas que envolvem diferenças de pronúncia, de sintaxe e de vocabulário. A comparação de uma entrevista dada por uma

norte-americana branca do Sul do Estado de West Virginia com uma amostra da fala de um jovem de origem afro-americana de uma área metropolitana no Norte do país, indica que existem vários elementos lingüísticos comuns entre os diferentes falantes tais como a omissão do "g" "g dropping" (p. 134) nos participios em ING como se vê em (3):

- (3) (a) It was gettin` about time for me to get in.  
 (b) One day I was walkin'.

Quanto à semelhança no nível sintático, observa-se em (4) nas duas variedades se tem o uso de uma forma pronominal após um substantivo usado como sujeito:

- (4) (a) So Ingo, he'd went.  
 (b) Pierre, he about fifteen.

No terceiro capítulo intitulado "Dialects and Language Arts", os autores apresentam os assuntos que precisam ser enfrentados pelos professores de 1º grau, professores esses engajados no ensino de alfabetização, leitura e aritmética. Os falantes dos dialetos não padrão, segundo os autores, não acusam, na maior parte dos casos, bons resultados nas provas e testes educacionais em comparação com os falantes do dialeto padrão, pois os referidos exames, em vez de medirem aptidão ou inteligência, avaliam conhecimento formal, isto é, regras sintáticas, ortográficas e de pontuação da variedade de prestígio: o inglês formal escrito. Wolfram e Christian comentam que os falantes de dialetos não padrão também tendem a ter dificuldades nas áreas de matemática e ciências devido ao fato de que as provas são escritas na variedade culta formal. Os autores baseiam essa colocação numa obra que teve grande impacto nos EUA, o livro de Eleanor Wilson Orr, *Twice as Less: Black English and the Performance of Black Students in Mathematics and Science*. New York: W.W. Norton and Co. 1987. Da leitura de fontes como esta última, pode-se concluir que informação a respeito de diferenças lingüísticas é de grande relevância para o trabalho dos professores primários e secundários.

A finalidade deste terceiro capítulo é a de conscientizar o professorado norte-americano a respeito dos dialetos sociais. Não são ilógicos, como alguns leigos pensam e, a "inferioridade" desses dialetos se deve a questões de poder. Do ponto de vista lingüístico, não existem

critérios gramaticais ou sintáticos para comprovar que uma determinada estrutura é "melhor" do que outra como *he don't* em contraste com *he doesn't*. Os critérios para aceitabilidade são sociais. As crianças que nasceram dentro de uma comunidade de falantes não padrão não devem ser menosprezadas pelos professores ou prejudicadas pelo sistema escolar. O problema é que essas crianças têm uma diferença e não um déficit (pgs 11, 12). No contexto brasileiro, Magda Soares (1989), diga se de passagem, tem abordado o assunto de diferença dialetal e déficit baseado principalmente no trabalho de Bourdieu (1983).

Os autores observam que a diversidade dialetal de fato acarreta problemas para o ensino, por um lado, pois tanto o público norte americano em geral como os educadores preocupados com a eficiência e rendimento do ensino não têm certeza sobre a política educacional a ser adotada: Deve-se ensinar um dialeto social ao lado do dialeto padrão ou ensinar exclusivamente a variedade de prestígio, desta forma ignorando a existência de dialetos não padrão? Por outro lado, todavia, a existência de dialetos sociais nos EUA é salutar, pois a própria diversidade dialetal existente no país apresenta uma oportunidade excelente para tomar conhecimento do papel que a linguagem desempenha na sociedade.

Eis aqui a proposta central do livro. No que diz respeito ao contexto educacional norte-americano, Wolfram e Christian sugerem que informação a respeito da diversidade dialetal seja incorporada ao currículo e que o ensino do dialeto padrão seja baseada numa confrontação das diferenças (e semelhanças) entre a variedade de prestígio e as formas não padrão. Esta proposta exige que o professor de 1° e 2° graus tenha um embasamento em lingüística, exigência essa plenamente possível numa nação onde a qualificação mínima em termos de titulação é formação universitária de quatro anos de duração.

Os dois lingüistas recomendam uma política do idioma que enfatiza o ensino da variedade padrão da própria região em questão. Pormenorizando, não se deve, segundo os autores, ensinar o inglês formal falado de Boston nas escolas de Nova York ou as de Chicago. Os referidos lingüistas insistem em que todos os cidadãos devam conhecer o dialeto padrão escrito; nenhum cidadão deva ser obrigado a abandonar o uso do próprio dialeto social ou regional. Em certas circunstâncias o dialeto social é mais adequado para a comunicação do

que a forma padrão, por exemplo a diferença entre *I am not going to do it* e *I ain't going to do it* está no fato de que a segunda oração sugere para os falantes de inglês, agressividade e determinação em certos contextos, para alguns falantes. A forma padrão ou "correta" não é adequada em todas as situações para determinados usuários do idioma, pois estes falantes atribuem fraqueza ou polidez excessiva à primeira oração.

O quarto capítulo tem por título "Dialects and Reading". O assunto de leitura é de grande interesse nos EUA. Muitas pesquisas têm sido realizadas por lingüistas, psicólogos e especialistas em leitura. Apesar dessa atividade intensa, todavia, nem todas as escolas têm sucesso no ensino de leitura. Um número alarmante de alunos não lêem a língua materna adequadamente. Os autores de *Dialects and Education* afirmam que as dificuldades de leitura são mais comuns entre os alunos que falam um dialeto social do que a variedade padrão. Existe uma correlação entre o fato de que as pessoas que têm uma dificuldade de leitura *tendem* (grifo nosso) a falar um dialeto social. Cumpre observar que o fato de falar um dialeto não padrão não é a causa de uma dificuldade de leitura. Os autores tomam o cuidado de distinguir entre uma correlação e uma causa. Conclui-se que o fato de um determinado grupo falar um dialeto não padrão não leva inexoravelmente a dificuldades de leitura, assim como o fato de falar a variedade padrão não garante necessariamente sucesso na aquisição de leitura.

Cabe lembrar, de acordo com as colocações feitas neste livro, que não há um fato único que acarreta uma dificuldade de leitura e conseqüente fracasso na escola por parte de alguns alunos. Existem, pois, pelo menos quatro outros fatores que contribuem para produzir leitores bem sucedidos: (i) nutrição adequada, (ii) número de livros no lar ao alcance dos alunos, (iii) existência da prática de leitura em voz alta para as crianças por parte dos pais e, (iv) conscientização por parte dos pais da importância de leitura.

O último capítulo do volume "Speech/Language Disorders" é dirigida especialmente aos fonoaudiólogos e aos especialistas na patologia da fala, profissionais que, nos EUA, aparentemente não recebem uma formação tão aprofundada em Lingüística como no caso dos colegas brasileiros.

Uma distinção muito importante feita neste capítulo é entre uma diferença lingüística e um distúrbio lingüístico. Segundo os autores, alguns especialistas nas escolas norte-americanas tendem a confundir diferenças lingüísticas dialetais tais como 'autor'(autor) 'bafroom' (banheiro) e 'toof' (dente) em vez das formas padrão respectivamente *author*, *bathroom*, *tooth* com distúrbios lingüísticos. O perigo de um diagnóstico errado é, sem sombra de dúvida, muito grave, pois alunos carentes de diferentes grupos minoritários nos EUA, em certos casos, correm o perigo de serem encaminhados para uma clínica. Além da humilhação destes alunos, tais erros diagnósticos ocasionam uma grande perda de tempo e de dinheiro. Dai se vê que a leitura do livro *Dialects and Education* por parte de educadores, administradores de escolas, especialistas na área de 'speech therapy', é essencial para a realização de uma mudança político-educacional nos EUA.

Poder-se-iam fazer críticas ao livro pela ausência de fontes específicas em forma de nota de rodapé. Mas cabe lembrar que o livro se destina aos leigos e especialistas em outras áreas que não têm um embasamento nos campos de lingüística e de dialetologia. A leitura das referências indicadas na bibliografia é imprescindível para os leitores que querem se aprofundar nos diversos temas apresentados.

Na página 58 os nomes de duas lingüistas, Suzanne Romaine e Sarah Michaels são mencionados mas não há nem no texto, nem na bibliografia, referência a respeito destas autoras, cujo trabalho é pertinente.

O que falta realmente no livro é uma relação de exemplos de distúrbios da fala. Há vários exemplos especialmente no Capítulo 5 de diferenças lingüísticas mas nenhum exemplo de distúrbios lingüísticos. Já que os autores fazem uma distinção entre os dois fenômenos é natural esperar que haja pormenorização dos dois tipos.

Levando em consideração que o volume sob apreço é uma obra destinada a leitores de uma gama de disciplinas diferentes, valeria a pena incluir, talvez numa segunda edição, um glossário de termos especializados: "top down model", "bottom up model" "eradicationism" e "bidialectalism", além de nomes de vários testes educacionais mencionados tais como "Northwestern Syntax Scoring Test", O "Illinois Test of Psycholinguistic Abilities" (ITPA) e o "Differential Aptitude

Test" (DAT).

Os autores mencionam várias sub-disciplinas de Linguística Aplicada tais como Análise Contrastiva e Aquisição de Segunda Língua e o Ensino de Língua Estrangeira. Não há, todavia, referências bibliográficas nestes dois campos. Wolfram e Christian consideram o ensino de inglês como segunda língua uma área independente com sua própria orientação teórica, conjunto de procedimentos e métodos educacionais. Estranhamos, no livro, a falta de referências nesta área uma vez que o campo é mencionado em dois momentos no texto.

Em resumo, *Dialects and Education* é leitura obrigatória para todos que trabalham na área de formação de professores, em particular, professores de língua materna. Se o tema central do livro "a variação dialetal não é déficit, é diferença", for ouvido e se medidas forem tomadas para ensinar a respeito da diversidade linguística nos EUA, o livro contribuirá muito para o estabelecimento de uma ordem social e educacional mais justa e democrática naquele país. O conteúdo do livro é também de interesse no contexto brasileiro, especialmente para os alfabetizadores que trabalham nas "periferias" urbanas e nas zonas rurais onde se têm grandes concentrações de alunos carentes falantes de dialetos não padrão.

(Recebido em 13/05/1993 / Aceito em 23/11/1993)

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P. (1983) *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- SOARES, M. (1989) *Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social*. São Paulo, Editora Ática. 7ªed.